



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 1, 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

ENTREVISTA

NÁDIA BATTELLA GOTLIB

Por Rejane Pivetta e Cinara Ferreira



Nádia Battella Gotlib é livre-docente em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo, onde atuou como professora de Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira. Atualmente é professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da USP.

Reconhecida como grande especialista sobre a obra de Clarice Lispector, Gotlib realizou pesquisas em instituições brasileiras e estrangeiras, das quais resultaram importantes textos para o conhecimento da autora, como *Clarice - uma vida que se conta* (1995) e *Clarice: fotobiografia* (2007).



Nesta entrevista, a pesquisadora apresenta a sua visão sobre a figura e a obra de Clarice Lispector, fruto do intenso convívio com o universo da escritora e da reflexão sensível que faz sobre os meandros da escrita clariceana.

Agradecemos a Nádia pela generosidade em repartir o seu conhecimento sobre a escritora brasileira, alargando para os leitores os horizontes da experimentação literária de Clarice Lispector e sua inesgotável “*matéria viva*” que pulsa.

1. Pra começar, podes contar como foi o teu encontro com Clarice e o que fez com que tu te tornasses uma pesquisadora da vida e da obra da autora?

O meu encontro com Clarice Lispector, isto é, com a obra de Clarice Lispector, aconteceu na década de 1960, quando eu era estudante de Letras na Universidade de Brasília. Ganhei um livro de presente, *Laços de família*, que me foi oferecido por um professor da Faculdade. Li esses contos e fiquei intrigada: não havia lido até então nada parecido. Havia ali algo que me escapava. Não conseguia ‘traduzir’ em palavras o que efetivamente acontecia com certas personagens. A partir desse momento, comecei a ler outros livros da autora. Paralelamente, terminei o curso de graduação e iniciei o curso de pós-graduação na Universidade de São Paulo. Defendi meu mestrado e doutorado em literatura portuguesa. E ali trabalhei como professora de literatura portuguesa por quase 10 anos, até que decidi me transferir para a disciplina de Literatura Brasileira e, a partir de 1982, ministrar cursos de pós-graduação especificamente sobre Clarice Lispector. Na década seguinte, em dezembro de 1993, defendi minha livre-docência na USP com pesquisa sobre Clarice Lispector, parcialmente publicada com o título de *Clarice, uma vida que se conta* em 1995. E em 2008 publiquei meu segundo livro sobre esse assunto, *Clarice Fotobiografia*.

2. Como tu avalia a recepção crítica da obra de Clarice Lispector mais recentemente? Pode-se dizer que há uma renovação do pensamento crítico sobre a produção clariceana?

A obra de Clarice Lispector, como toda obra de qualidade literária, é inesgotável. Já foi lida por estudiosos pertencentes a várias correntes de pensamento crítico, desde filiações filosóficas, como a do existencialismo sartreano, até linhagens ligadas mais especificamente ao estudo das narrativas tanto do ponto de vista estruturalista quanto pós-estruturalista, além de outros tantos. Eu me surpreendo com a criatividade da crítica. Já li trabalhos vários que mesmo fundamentados em



repertório teórico já utilizado por outros leitores de Clarice, trazem inovações nas propostas de análise e interpretação. Quando a obra é boa, tem essa capacidade de se abrir a novas perspectivas de leitura.

3. Como biógrafa de Clarice, tu entendes que o teu trabalho de escrita da biografia é, de certa forma, um modo de ficcionalizar a vida da escritora? Tu concordas que escrever a biografia de uma escritora como Clarice é participar do jogo de construção de máscaras, próprio de sua ficção?

Toda escrita é uma criação. Mas escrever uma biografia não é criar uma ficção. Se, por um lado, biografar implica um ‘modo de ler’ a biografada, por outro lado, justamente por não ser uma ficção, exige compromisso firmado com o repertório documental. Ou seja, não afirmar o que não se pode comprovar. Faz parte, no entanto, da reflexão, lançar hipóteses referentes a fatos que possivelmente podem ter acontecido. Mas como hipóteses. Não como ‘verdades’. Não iludir o leitor com ‘supostas verdades’ oferecendo-lhe ‘gato por lebre’, ou seja, fatos verídicos não comprovadamente documentáveis ou documentados. Pode ser até que a documentação não seja ‘confiável’, por uma razão ou outra. Aí o questionamento há de se deter nessa análise do documento, esclarecendo o leitor a respeito de tais ‘entraves’ que percorrem, algumas vezes, o percurso da pesquisa.

Há de se considerar também que a biografia é uma construção narrativa, cuja criatividade reside em todas as etapas de sua elaboração: tanto na seleção quanto na análise e na interpretação dos dados coletados e reunidos ao longo do trabalho de pesquisa e montagem da matéria pesquisada.

4. As inúmeras cartas escritas por Clarice podem ser uma fonte para investigar a vida e a trajetória da escritora, ou se trata de uma forma literária que esboça uma persona, tal como nos seus contos e romances?

Como ler as cartas? Como documento? Ou como mais uma ficção, entre outras? Não creio que seja possível generalizar, nem de um lado, nem de outro.

No caso das cartas a editores, por exemplo, há dados valiosos para o estudo da história das edições. Cartas para amigos, enquanto Clarice morava na Europa e Estados Unidos, esclarecem o fio histórico de sua permanência em cada cidade, dados sobre seus endereços, relações sociais, condições da escrita dos contos e romances, história da recepção, pela escritora, da crítica que se publicava sobre



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 1, 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

sua obra, entre tantos outros dados de interesse para a construção de uma biografia.

No caso das cartas escritas por Clarice – eu me detenho, a título de exemplo, na sua correspondência ativa com suas irmãs, – há múltiplos aspectos que merecem registro. Fiel ao gênero epistolográfico, a Clarice-missivista segue as regras do gênero: data, local do emissor, relato de fatos referentes a sua vida, por vezes com menção a sua obra, despedidas finais, assinatura. Nas cartas há, pois, o registro da Clarice assumidamente missivista. Mas ela escolhe o que dizer e como dizer ao seu destinatário. E esse território é vasto e tem limites de gênero imprecisos.

O ‘recheio’ da carta assume múltiplas configurações. Por vezes, mostra postura semelhante ao de um diário: relata o que fez desde quando acorda, até o final do dia. Ou usa parcialmente esse formato, detendo-se no que fez numa parte do dia. Quando opta pela descrição de paisagens e lugares vistos e visitados, sua carta se aproxima da literatura de viagens, ou mesmo da crônica de costumes. Ao se deter em detalhes arquitetônicos de uma cidade, a linguagem inclui pormenores típicos da linguagem visual do desenho, da pintura, com jogo de luzes, cores, perspectivas. Ou seja, dentro do repertório ‘literário’, do ‘escrever bem’ cartas, há não só uma proposta de cunho jornalístico – o do registro do que vê e das reações diante dos fatos experimentados – mas há também criatividade, embora não pela via considerada tradicionalmente como ficcional, aquela de ‘inventar’ uma realidade que não é a da pessoa Clarice. Onde termina a Clarice pessoa e começa a Clarice escritora nessas cartas?

Caminham, por vezes, juntas.

5. A família de Clarice era de origem judaica, os pais falavam ídiche e frequentavam a sinagoga no Recife. A própria Clarice estudou em uma colégio hebreu-ídiche-brasileiro. Há uma memória judaica na obra de Clarice? Temas como o mistério, a impossibilidade de nomear e a culpa, recorrentes na escrita clariceana, poderiam ser lidos como impregnações judaicas?

Acho que apenas estudiosos especialistas em cultura judaica teriam condição de responder. Clarice tinha ascendência judaica, sim. Portanto nasceu dentro de uma família judaica, que seguia tradição de costumes e de religião judaicas. Na sua obra há menções que remetem a passagens bíblicas, como “a repartição dos pães”, a nomes da cultura judaica, como “Macabéa”. No entanto, ao longo da vida, fez sua opção de não seguir a religião judaica e de não aceitar certas premissas de postura cultural judaica. Afirmou, a certa altura, não acreditar na “besteira” de achar que o povo judaico era povo eleito por Deus. E suas opções por



determinados procedimentos no uso da linguagem e mesmo pelos temas que você propõe na sua pergunta – o mistério, a culpa, a coisa que não tem nome, ou seja a impossibilidade de a linguagem ‘dizer’ tudo - , não seriam questões inerentes ao próprio processo reflexivo de alguém que questiona, a todo o tempo, a sua própria atividade de escritora?

No entanto, sua irmã Elisa, a mais velha, fez percurso diferente. Seguiu a tradição judaica não só pelo culto da religião, mas pela militância cultural, ao manifestar explicitamente sua adesão à linhagem da cultura dos seus ascendentes.

6. Qual é a tua leitura sobre a dimensão social e política da obra de Clarice Lispector, muitas vezes referida como intimista, voltada ao universo dos sentimentos e sensações do eu?

De fato, a literatura de Clarice é voltada para – e repito aqui suas palavras usadas na pergunta – “o universo dos sentimentos e sensações do eu”. Mas é pautada também na materialidade dos eventos exteriores, calcada por vezes na realidade crua que nos rodeia. E se por um lado tem valor estético – ela escreve bem demais – esse caráter estético está intimamente atrelado a uma perspectiva de caráter ético, moral e político.

Basta examinar a construção de personagens mulheres, por exemplo. Desde seu primeiro conto publicado na revista Pan, do Rio de Janeiro, “Triunfo” (ou “O Triunfo”, para aqueles que leem um círculo na página da revista como letra não como registro de ornamento gráfico), a mulher procura descobrir e assumir um espaço seu próprio – o seu “quarto próprio”, segundo Virginia Woolf. E mantém esse recorte episódico ao longo de sua produção ficcional. É bem verdade que elabora de modos diferentes esse percurso, com diferentes figuras de linguagem, diferentes cargas de intensidade narrativa. Mas as personagens mulheres tentam, na maioria das vezes, vencer o medo e enfrentar os obstáculos, em processo que culmina na aceitação da solidão e da condição humana.

Eis um projeto que, tendo sido construído conscientemente ou não pela autora, mostra para os seus leitores e leitoras como é possível as mulheres construírem sua libertação do jugo paternalista e machista de nossa sociedade.

7. Clarice Lispector não se considerava escritora ou, pelo menos, punha em dúvida essa sua identidade. No entanto, escreveu profissionalmente para jornais, tanto crônicas como colunas em páginas femininas, assinadas com



pseudônimos, além de lançar-se no campo literário como escritora reconhecida de contos e romances. Se levamos a sério a negativa de Clarice como escritora, o que está em jogo nessa escrita que tenta escapar da própria identidade autoral?

Clarice preservava a sua liberdade de escrever, sem se prender a sistemas fechados de pensamentos nem a compromissos formais de posturas e procedimentos. E levava essa postura com seriedade, problematizando inclusive as diversas situações de escrita que assumia. Quando escreve crônica, nega que seja crônica. Escreve um livro, um romance, dizendo que é um não livro. Dá entrevista se negando a responder perguntas, no que chamei de anti entrevista. E por aí vai. E prezava o movimento, o questionamento, a crítica, esticando essa sua capacidade até o extremo de negar a própria literatura.

8. Além da escrita, Clarice se aventurou pela pintura. O que a pintora esclarece a respeito da ficcionista (e vice-versa)?

As duas linguagens se complementam. Passou a cultivar a pintura na década de 1970. Não tenho condição de avaliar tais peças do ponto de vista artístico. Seria assunto para crítico de arte. E há estudos pioneiros e essenciais sobre as relações entre pintura e fotografia. É o caso dos artigos de Lúcia Helena Vianna intitulados “O figurativo inominável: os quadros de Clarice (ou restos de ficção)”, publicado no volume Clarice Lispector: a narração do indizível, organizado por Regina Zilbermann e outros (e publicado em Porto Alegre, por Artes e Ofícios, EDIPUP e Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, em 1998) e “Tinta e sangue: o diário de Frida Kahlo e os ‘quadros’ de Clarice Lispector.”, na Revista Estudos Feministas v. 11, n. 1, 2003. É o caso também do livro de Ricardo Iannace, Retratos em Clarice: literatura, pintura e fotografia, tese defendida em 2004 e publicada pela Editora UFMG em 2009, em que reproduz em cores essa obra pictórica de Clarice Lispector e, tal como propõe o título do volume, examina as relações entre as diferentes linguagens. Eu, particularmente, considero as pinturas como meros exercícios, na medida em que a autora ali procura uma aproximação do abstrato, tal como na literatura propõe um alvo que é o do silêncio, quando, levada pela palavra, apreende o sumo da ‘coisa’, a ponto de não precisar mais da palavra para traduzir esse clímax, que lhe chega então apenas como experimentação do ‘ser vivo em si’, enquanto matéria viva pulsando.



9. Como você situa Clarice Lispector em relação aos seus pares na Literatura Brasileira?

Clarice ocupa lugar de destaque no campo da literatura brasileira. Sua literatura se equipara, em termos de alcance estético e de dimensão humanística, aos melhores escritores da literatura brasileira, considerando aí escritores homens e mulheres. E desde a década de 1950, sua obra registra um gradativo aumento de repercussão em outros países, patente pelo número de edições e de repercussão crítica. Se nos anos 1950 teve apenas dois contos publicados em revista norte-americana, na década seguinte seu primeiro romance foi publicado em francês, na década seguinte teve 6 títulos traduzidos, inclusive para o inglês e o alemão, e o número de traduções aumentou a tal ponto que em 2010 já havia 185 edições de livros seus publicados em 20 países. Naturalmente que com a internet sua divulgação teve ainda mais capacidade de divulgação global. Mas cuidado com a Clarice que aparece pela via da internet porque essa nem sempre é a Clarice Lispector.

10. Por fim, o que você diria para os leitores contemporâneos de Clarice, sobre a capacidade de sua obra responder às inquietações no nosso tempo?

Uma obra de excelência atinge cada um de nós, brasileiros e não brasileiros, ainda que de diferentes maneiras e por diferentes motivos. A obra de Clarice tem essa capacidade de ‘tocar’ o outro pelo seu valor estético e pela sua densidade humana.

Mais recentemente, com a nefasta tragédia ocasionada pela pandemia, observo que, pelo menos do meu ponto de vista, uma Clarice ganha mais realce, a de valores ‘humanísticos’, alerta a princípios éticos e morais, que cultiva o respeito ao outro, a sensibilidade diante das minorias vilipendiadas por uma sociedade injusta, os temas ligados à fome, pobreza e violência policial, a importância da preservação da natureza, incluindo aí as plantas e os animais, ou seja, o ser vivo, a “matéria viva” que pulsa.